

A CHEGADA DE LAMPIÃO NO CÉU: ENSAIO SEMIÓTICO SOBRE O JULGAMENTO DE LAMPIÃO¹

Isabela Caldas (PPGL-UFC/CAPES)

RESUMO

Desde sua origem, o folheto nordestino desempenhou papéis importantíssimos, dos quais destacamos a democratização da alta literatura e a imortalização de personalidades populares, como: Carlos Lamarca, Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Santos-Dumont ou Maria de Oliveira e Virgulino da Silva, conhecidos popularmente como Maria Bonita e Lampião. Entretanto, apesar de serem ambas formas de homenagem, a diferença entre elas está em seu caráter ficcional, pois uns foram retratados com base em suas biografias e outros tornaram-se personagens dos contos poéticos. Dentre eles, trabalharemos com Lampião, o candeiro encantado de Lenine, que pode ser considerado o “anti-herói” dos folhetos. Para isso, utilizaremos: para fins de contextualização “História de Cordéis e Folhetos”, de Abreu (1999); como base analítica, à luz da Semiótica Greimasiana, o percurso gerativo de sentido, com o suporte de Barros (2001) e Fiorin (2001); e como corpus “A chegada de Lampião no Céu”, de Rodolfo Coelho Cavalcante (1959).

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica discursiva; Folheto nordestino; Lampião.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ABSTRACT

Since its origin, the "folheto nordestino" has played extremely important roles, among which we highlight the democratization of high literature and the immortalization of popular personalities, such as Carlos Lamarca, Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Santos-Dumont or Maria de Oliveira and Virgulino da Silva, popularly known as Maria Bonita and Lampião. However, despite both being forms of homage, the difference between them lies in their fictional nature, as some were portrayed based on their biographies and others became characters in poetic tales. Among them, we will work with Lampião, the enchanted lamp of Lenine, who can be considered the "anti-hero" of the folhetos. For this, we will use "História de Cordéis e Folhetos" by Abreu (1999) for contextualization purposes; as an analytical basis, the Greimassian Semiotics and the generative trajectory of meaning, supported by Barros (2001) and Fiorin (2001); and as a corpus, "A chegada de Lampião no Céu" by Rodolfo Coelho Cavalcante (1959).

KEYWORDS: Discursive Semiotics. Northeastern folheto. Lampião.

INTRODUÇÃO

*“Lá no sertão cabra macho não ajoelha, Nem faz parelha com quem é de traição,
Puxa o facão, risca o chão que sai centelha, Porque tem vez que só mesmo a lei do
cão.”*
(LENINE, 1997)

Desde sua origem, o folheto nordestino desempenhou papéis importantíssimos, dos quais destacamos a democratização da literatura e a imortalização de personalidades populares, como: Carlos Lamarca, Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Santos-Dumont ou Maria de Oliveira e Virgulino da Silva, conhecidos popularmente como Maria Bonita e Lampião. Entretanto, apesar de serem ambas formas de homenagem, a diferença entre elas está em seu caráter ficcional, pois uns foram retratados com base em suas biografias e outros tornaram-se personagens dos contos poéticos.

Dentre eles, trabalhamos com Lampião, o candeiro encantado de Lenine, que pode ser considerado o “anti-herói” dos folhetos devido às diversas opiniões sobre seu papel histórico e seu caráter. Para isso, utilizaremos: para fins de contextualização “*História de Cordéis e Folhetos*”, de Abreu (1999); como base analítica, à luz da Semiótica Greimasiana, o percurso gerativo de sentido, com o suporte de Barros (2001) e Fiorin (2001); e como *corpus* o texto: “*A chegada de Lampião no Céu*”, de Rodolfo Coelho Cavalcante (1959). Em síntese, o intuito deste ensaio é refletir sobre a sanção de Lampião como inocente ou culpado. De antemão, consideramos este trabalho uma pesquisa introdutória, visto que esta merece um aprofundamento detalhado, além de um trabalho de caráter comparativista com o folheto *A chegada de Lampião no inferno*, de João Martins de Ataíde para podermos ter uma visão ampla sobre as diversas opiniões sobre o veredicto de Lampião nos folhetos.

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Oriundo das cantorias e pejeas, o folheto nordestino, antes mesmo da adoção da fórmula editorial dos cordéis lusitanos, debruçaram-se sobre as mais diversas temáticas. Nas pejeas, por exemplo, segundo Abreu (1999) eram um desafio “em que os cantadores agendavam todas as suas habilidades poéticas, visando fazer calar seu oponente”, nelas podemos encontrar desde pequenos insultos até proposição de charadas sobre Geografia,

História, Mitologia greco-romana, como afirmavam eles era o “cantar em ciência”. Inclusive, a tradição permitia que o vencedor aproveitasse o momento para cantar suas composições que iam desde as descrições da natureza até marcos históricos ou narrativas.

Quando, a partir do século XIX, os folhetos começaram a ganhar forma impressa e assumiram a publicação sistemática com seu processo de composição, edição e comercialização, iniciada por Leandro Gomes de Barros, os contos populares começaram a ganhar destaque. Apesar do que se imagina, os folhetos impressos não findaram com as apresentações orais, estas agora tinham o trabalho primordial de aguçar a curiosidade dos ouvintes o suficiente para que adquirissem os impressos, “uma vez que cantavam e fascinavam através daquelas brochuras que eram puro encantamento” (FREIRE, 2012, p. 47)

As narrativas presentes nos folhetos frequentemente giram em torno de acontecimentos históricos de suas regiões ou do cotidiano do público e dos poetas, visto que estes, assim como seus leitores, eram operários, vendedores e agricultores, conforme Abreu (1999). Dessa forma, as temáticas, ficcionais ou não, costumavam abranger: amores proibidos, dos quais o componente principal era a diferença de classe entre os amantes, seca, miséria, baixos salários e, dentre outros, o cangaceirismo que cerca o nosso foco de estudo: a sanção de Lampião como inocente ou culpado no pós-morte.

Na pesquisa em acervos é perceptível que quando se fala em cangaceirismo as opiniões são divididas, por exemplo, não há um consenso do papel de Lampião nos contos ficcionais (ou não). Uma hora este aparece como um herói inesquecível — “*à luz da verdade viva, mostra a face nobre, humana, e até caritativa de Lampião, se tornando a menos repetitiva*” (SILVA, s.a., p. 4) —, em outra um bandido sanguinário — “*No ataque a cambada (sessenta e seis no total) mataram Elizário um ajudante leal. Minha mãe atrás ferraram pela frente estupraram e uma virgem torturaram [...]*” (HELENA, s.a., p. 34).

Para a construção do *corpus* escolhemos o texto através de uma busca nominal (Lampião) no acervo digital da Casa Rui Barbosa e dentre as 867 ocorrências selecionamos pelo título e pela publicação mais antiga o folheto: *A chegada de Lampião no Céu* (1959), de Rodolfo Coelho Cavalcante, pois este era o único do acervo que não condenava Lampião ao inferno no título.

Tabela 1 - Folheto nordestino de Rodolfo Coelho Cavalcante, 1959

A CHEGADA DE LAMPIÃO NO CÉU

Lampeão foi no inferno
 Ao depois no céu chegou
 São Pedro estava na porta
 Lampeão então falou:
 Meu velho não tenha medo
 Me diga quem é São Pedro
 E logo o rifle puxou

São Pedro desconfiado
 Perguntou ao valentão,
 Quem é você meu amigo
 Que anda com este rojão!
 Virgulino respondeu:
 Se não sabe quem sou eu,
 Vou dizer: sou Lampião

São Pedro se estremeceu
 Quasi que perdeu o tino
 Sabendo que Lampeão
 Era um terrível assassino
 Respondeu balbuciando
 O senhor... está... falando...
 Com... São Pedro... Virgulino!

Faça o favor abra esta porta
 Quero falar com o Senhor
 Um momento meu amigo
 Disse o Santo faz favor
 Esperar aqui um pouquinho
 Para olhar o pergaminho
 Que é ordem do Criador

- 01 -

Se você amou o próximo
 De todo o seu coração
 O seu nome está escrito
 No livro da salvação
 Porém se foi um tirano
 Meu amigo não lhe engano
 Por aqui não fica não

Lampeão disse está bem
 Procure que quero ver
 Se acaso não tem aí
 O meu nome pode crer
 Quero saber o motivo
 Pois não sou filho adotivo
 Pra que fizeram-me nascer

São Pedro criou coragem
 E falou pra Lampeão
 Tenha calma cavalheiro
 Seu nome não está aqui não
 Lampeão disse que é
 impossível
 E' uma coisa que acho incrível
 Ter perdido a salvação

São Pedro disse está bem
 Acho melhor dar um fora
 Lampeão disse meu santo
 Só saio daqui agora
 Quando ver o meu padrinho
 Padre Cícero meu filhinho
 Esteve aqui mas foi embora

- 02 -

Então eu quero falar
 Com a Santa Mãe das Dores
 Disse o Santo ela não pode
 Vir aqui ver seus clamores
 Pois Ela está resolvendo
 Com o Filho intercedendo
 Em favor dos pecadores

Então eu quero falar
 Com Jesus Crucificado

Disse o bravo Virgulino
 Senhor não fui culpado
 Me tornei cangaceiro
 Porque me vi obrigado
 Assassinar meu pai
 Minha mãe quase que vai
 Inclusive eu coitado

Os seus pecados são tantos
 Que nada posso fazer

<p>Disse são Pedro um momento Que eu vou dar o seu recado Com pouco o Santo chegou Nisso Lampeão entrou Com 12 santos escoltado</p> <p>São Longuinho e São Miguel São Jorge, São Semião São Lucas, São Rafael, São Luiz, São Julião Santo Antonio e São Tomé São João e São José Conduziram Lampeão</p> <p>Chegando no Gabinete Do glorioso Jesus Lampeão foi escoltado Disse o Varão da Cruz Quem és tu filho perdido Não estás arrependido Mesmo no Reino da Luz?</p> <p style="text-align: center;">- 03 -</p>	<p>Alma desta natureza Aqui não pode viver Pois dentro do Paraíso E' o Reinado do riso Onde só existe prazer</p> <p>Então Jesus neste instante Ordenou São Julião Mais São Miguel e São Lucas Que levassem Lampeão Para ele ver a harmonia Nisto a Virgem Maria Aparece no salão</p> <p>Aglomerada de Anjos Todos cantando louvores Lampeão disse: meu Deus Perdoai os meus horrores Dos meus crimes tão cruéis Arrependeu-se através Da Virgem seus esplendores</p> <p style="text-align: center;">- 04 -</p>
<p>Os anjos cantarolavam Saudando a Virgem e o Rei Dizendo: No Céu o Céu Com minha mãe estarei Tudo ali maravilhou-se Lampeão ajoelhou-se Dizendo: Senhora eu sei</p> <p>Que não sou merecedor De viver aqui agora Julião, Miguel e Lucas Disseram vamos embora Ver os demais apartamentos Lampeão neste momento Olhou pra Nossa Senhora</p> <p>E disse: ó Mãe Amantíssima Dae-me a minha salvação Chegou nisto o maioral Com cantiga de alcatrão Dizendo não pode ser Agora só quero ver Se é salvo Lampeão</p>	<p>Disse a Virgem mãe suprema Vae-te pra lá Ferrabraz A alma que eu por a mão Tu com ela nada faz Arrenegado da Cruz Na presença de Jesus Tu não vences Satanaz</p> <p>Vamos meu filho vamos Sei que fostes desordeiro Perdeste de Deus a fé Te fazendo cangaceiro Mas já que tu viste a luz Na presença de Jesus Serás puro verdadeiro</p> <p>Foi Lampeão novamente Pelos Santos escoltado Na presença de Jesus Foi Lampeão colocado Acompanhou por detraz O tal cão de Ferrabraz De Lucifer enviado</p>

<p>Respondeu a Virgem Santa Maria Imaculada Já falaste com meu Filho? Vamos não negues nada — Já ó Mãe Amantíssima Senhora Gloriosíssima Sou uma alma condenada</p> <p style="text-align: center;">- 05 -</p>	<p>Formou-se logo o juri Ferrabraz o acusador Lá no santo Tribunal Fez papel de promotor Jesus fazendo o jurado Foi a Virgem o advogado Pelo seu divino amor</p> <p style="text-align: center;">- 06 -</p>
<p>Levantou-se o promotor E acusou demonstrando Os crimes de Lampeão O réu somente escutando Ouvindo nada dizia A Santa Virgem Maria Começou advogando</p> <p>Lampeão de fato foi Barbaro cruel assassino Mas os crimes praticados Por seu coração ferino Escrito no seu caderno Doze anos de inferno Chegou hoje o seu término</p> <p>Disse Ferrabraz: protesto Trago toda anotação Lampeão fugiu de lá Em busca de salvação Assassinou Buscapé Atirou em Lúcifer Não merece mais perdão</p> <p>Levantou-se Lampeão Por esta forma falou Buscapé eu só matei Porque me desrespeitou E Lucifer é atrevido Se ele tivesse morrido A mim falta não deixou</p> <p style="text-align: center;">- 07 -</p>	<p>Disse Jesus e agora Deseja voltar à terra A usar de violência Matando só uma fera? Disse Lampeão: Senhor Sou um pobre pecador Que a vossa sentença espera</p> <p>Disse Jesus: Minha Mãe Vou lhe dar a permissão Pode expulsar Ferrabraz Porem tem que Lampeão Arrepender-se notório Ir até o "purgatório" Alcançar a Salvação</p> <p>Foi dar resposta à Lumbel.</p> <p>Resta somente saber O que Lampeão já fez Do purgatório será O julgamento outra vez Logo que se for julgado Farei tudo versegado O mais até lá freguez.</p> <p style="text-align: center;">FIM.</p> <p style="text-align: center;">- 08 -</p>

Fonte: Folheto “A chegada de Lampeão no céu” (*sic*), de Rodolfo Coelho Cavalcante (1959).

SEMIÓTICA DISCURSIVA

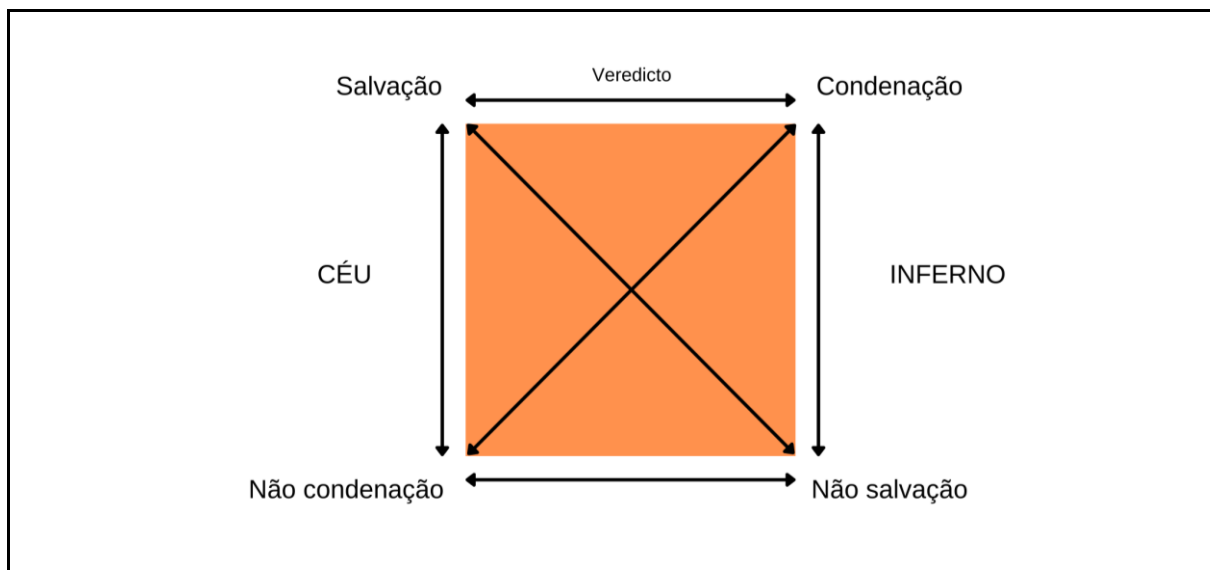
A Semiótica discursiva, sob o sinônimo de Semiótica Greimasiana, alicerçada nas concepções propostas por Saussure e Hjelmslev, foi desenvolvida por Algirbas Julien Greimas em meados da década de 60 que se preocupava com a construção de uma sintaxe e de uma semântica da enunciação, conforme Barros (2001). Logo, a perspectiva semiótica procura estruturar o texto como uma “totalidade de sentido” para determinar não só o seu modo de produção, como também compreender “*como o texto diz o que diz*” (BARROS, 2001, p.13).

PERCURSO GERATIVO DO SENTIDO

Nível fundamental

Para as investigações consideramos pertinente analisar apenas o folheto *A chegada de Lampião no céu* e, em seguida, determinamos sua qualificação semântica, que segundo Fiorin (2001) podem ser tanto de valor positivo, quanto negativo. A princípio fica perceptível que o texto transita entre as categorias contraditórias de salvação (Céu, valor positivo eufórico) e condenação (Inferno, valor negativo disfórico). Para fins de esclarecimento, segundo Barros (2001, p.33): “Eufórica é a relação de conformidade do ser vivo com o meio ambiente, e disfórica, sua não-conformidade”

Figura 1 — Quadrado semiótico do folheto *A chegada de Lampião no Céu*



Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao texto, fica explícito que a relação entre “salvação/céu” é eufórica, pois a escrita indica um ambiente de conformidade: lugar para quem “amou o próximo de todo o coração” (p.4); lugar com lista dos salvos “No livro da salvação” (p.04); lugar em que os santos intercedem “Em favor dos pecadores” (p.5); caracterizado como “Reino da luz” (p.05), “paraíso” (p.06), “Reinado do riso” (p.6), “Onde só existe prazer” (p.6); tem “harmonia” (p.6). Em contraste, fica explícito que a relação entre “condenação/inferno” é disfórica, pois sobre eles a escrita indica não-conformidade: “Lampião foi no inferno ao depois no céu chegou” (p.02); “Lampião fugiu de lá em busca de salvação, assassinou Buscapé, atirou em Lúcifer” (p.05).

Seguindo o modelo de análise do nível fundamental com base em Fiorin (2001), podemos organizar os elementos da superfície textual do folheto levando em consideração a asserção e a negação:

I - Afirmação de salvação: “Ao depois no céu chegou” (p.02); “Se você amou o próximo De todo o seu coração O seu nome está escrito No livro da salvação” (p.04).

II - Negação de salvação: “Tenha calma cavalheiro Seu nome não está aqui não” (p.04); “Quem és tu filho perdido Não estás arrependido Mesmo no Reino da Luz?”; “E acusou demonstrando Os crimes de Lampeão” (p. 08); “Os seus pecados são tantos Que nada posso fazer” (p.06); “Ter perdido a salvação” (p.04).

III - Afirmação de condenação: “Escrito no seu caderno Doze anos de inferno” (p.08); “Lampeão foi no inferno Ao depois no céu chegou” (p.02)

IV - Negação de condenação: “Mas já que tu viste a luz Na presença de Jesus Serás puro verdadeiro” (p.07); “Doze anos de inferno Chegou hoje o seu término” (p.08); “Porem tem que Lampeão Arreponder-se notório Ir até o ‘purgatório’ Alcançar a Salvação” (p.09)

V - Afirmção de salvação: “Do purgatório será O julgamento outra vez” (p.09)

De acordo com Fiorin (2001), a categoria semântica deve “dar sentido ao conjunto de elementos” do nível fundamental, podemos entender, primeiramente, o texto da seguinte forma: o primeiro referem-se à salvação, os do segundo negam a salvação e os do terceiro estão relacionados com a afirmação de condenação, em seguida, o quarto nega a condenação e em quinto se afirma a salvação por uma relação de complementaridade de “não condenado”. Dessa forma, a sua construção sintática se organiza em: afirmação de a; negação de a e afirmação de b/ afirmação de b; negação de b, afirmação de a. Diante disso, o texto se estrutura sobre a oposição semântica /salvação/*versus*/condenação.

Nível narrativo

Nesta etapa analisaremos a estrutura narrativa dos textos levando em consideração sua narratividade, trata-se da transformação entre “dois estados sucessivos e diferentes” que necessitam de papéis narrativos exercidos por sujeitos e objetos. Ou seja, por ser uma transformação de conteúdo nela ocorre uma narrativa mínima quando há “um estado inicial, uma transformação e um estado final”, segundo Fiorin (2001).

Portanto, para análise semântica desse nível o foco são os valores inscritos nos objetos, levando em consideração que em uma narrativa aparecem dois tipos: objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber) e de valor (último objetivo da ação narrativa). Para análise da sintaxe narrativa é preciso considerar os dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado, encarregados de estabelecer uma relação de conjunção ou disjunção “entre um sujeito e um objeto”, considerando suas narrativas mínimas de privação e de liquidação; enunciados de fazer, responsáveis por destacar as transformações.

Na análise semântica, identificamos que no folheto *A chegada de Lampeão no Céu* o objeto modal do sujeito semiótico é a busca por um sujeito intercessor e por meio desse garantir seu objeto de valor que é a condição de salvação a fim de não voltar para o inferno.

Avançando para a análise da sintaxe narrativa, primeiramente, é perceptível que há uma narrativa mínima de liquidação de uma privação, visto que no folheto o Lampeão está em um estado inicial de disjunção de seu objeto de valor (Enunciado de estado inicial: “Escrito no seu caderno

Doze anos de inferno”) e passa a um final conjunto (Enunciado de fazer: “Ir até o ‘purgatório’ Alcançar a Salvação”). Além disso, considerando que o texto é uma narrativa complexa, iremos analisar o folheto levando em conta sua sequência canônica, como apontada por Fiorin (2001): *manipulação, competência, performance e sanção*.

Na fase de *manipulação* o sujeito propõe ao manipulado uma troca de favores que podem aparecer como uma das quatro formas mais comuns de manipulação: tentação, intimidação, sedução ou provocação. No folheto, é perceptível que há uma relação de intimidação, pois Lampião chega ao Céu com rifle na mão exigindo falar com seus intercessores (“Lampeão então falou: Meu velho não tenha medo Me diga quem é São Pedro E logo o rifle puxou”). Nesse caso, a manipulação foi bem sucedida, pois fica explícito a colaboração entre os sujeitos resultando em uma situação de apreensão e Lampião teve que ser escoltado por 12 santos.

Na fase da *competência* “o sujeito que vai realizar a transformação central é dotado de um saber e/ou poder fazer”. Como esses elementos podem aparecer de forma superficial e sob as mais variadas formas, percebemos que a fase de competência (poder fazer) do folheto está na oportunidade de redenção no julgamento, resultando no arrependimento de todos os crimes cometidos por Lampião. Revertendo a situação para fase da *performance*, que é onde se dá a transformação central da narrativa, passando de um estado de disjunção para conjunção, na qual há uma remissão dos pecados cometidos. Por fim, a última fase é a da *sanção*, onde ocorre a “constatação de que a performance se realizou”, no caso do folheto o veredicto de condenado foi convertido em uma chance de purgação, no qual Lampião passa a ser um sujeito “não condenado”.

Nível Discursivo

De acordo com Fiorin (2001), o nível anterior (narrativo) é caracterizado por estabelecer formas abstratas da narratividade do texto, por exemplo, o sujeito semiótico passa de um estado de disjunção e entra no estado de conjunção. No nível discursivo “as formas abstratas [...] são revestidas de termos que lhe dão concretude”, levando a questionar: quem são esses sujeitos? Como se deu a conjunção? Em síntese, de acordo com Barros (2002, p. 72), “o exame da sintaxe e da semântica do discurso permite reconstruir e recuperar a instância da enunciação, sempre pressuposta”.

Em termos de sintaxe discursiva, percebemos a existência de um narrador que, em alguns momentos, cede a palavra aos personagens que passam a ser os interlocutores ao longo do texto (“Lampião então falou”/“Perguntou ao valentão”/ “Virgulino respondeu”). Em seguida, verifica-se não só uma debreagem enunciativa de pessoa e tempo (“Lampião foi no inferno/ Ao depois no

céu chegou”), ou seja, uma pessoa *ele*, um tempo *não agora*, como também uma debreagem enunciativa de espaço *aqui* (Céu). Entende-se que na enunciação ocultam-se os actantes e os tempos, mas instala em seu interior o espaço enunciativo.

Na análise da semântica discursiva, é manifesto a concretização das mudanças de estado do nível narrativo. Segundo Barros (2002) é nela que se descreve e explica a transição “dos percursos narrativos em percursos temáticos e seu posterior revestimento figurativo. Logo, destacamos, conforme a classificação de Albuquerque (2011), que os temas subjacentes às figuras (pecadores, crimes, cangaceiro, fera, salvo, salvação, puro, paraíso, julgado, tribunal, acusador, alma condenada, etc.) que dão sentido são: transgressão, julgamento e salvação.

É, portanto, dessa forma que “o sujeito da enunciação emprega certos procedimentos para figurativizar o discurso, para investir os temas discursivos” (Barros, 2002, p.116). Por exemplo, no folheto temos a narrativa da busca pela salvação, na qual seu investimento figurativo é recoberto de figuras, em que o objeto de valor /salvação/ aparece sob a figura do perdão, do purgatório ou do veredicto de salvo, conseqüentemente, todo o percurso do sujeito se figurativiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as análises e as leituras chegamos a conclusão de que a figura de Lampião mesmo em um folheto, que aparentemente o destacava como “salvo” em seu título, é um personagem determinado como culpado, que chega ao céu e transita entre a salvação/*versus*/condenação, pois este, em um estado inicial disjunto de condenado, é figurativizado no discurso como: assassino, pecador, fera, valentão, etc. Todavia, na fase de performance, passando de um estado de disjunção para conjunção, o sujeito tem uma oportunidade de redenção e na última fase, a de sanção, constata-se a conversão de estado através do veredicto que determina sua ida para o purgatório, colocando-o em um *status* de “não condenado”, que levando em consideração sua relação de complementaridade podemos considerar que houve salvação por arrependimento e não por um estado inicial de merecimento.

Por fim, é relevante destacar que consideramos o presente trabalho como um pontapé inicial para a discussão, visto que esta merece um aprofundamento detalhado, além de um trabalho de caráter comparativista com o folheto *A chegada de Lampião no inferno*, de João Martins de Ataíde para podermos ter uma visão ampla sobre as diversas opiniões sobre o papel de Lampião nos folhetos a fim de evidenciar que apesar de diferentes textos tratarem de um mesmo tema, podemos encontrar abordagens distintas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de *et al.* **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2001.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A Chegada de Lampião no céu**. Acervo digital. Casa Rui Barbosa: 1959. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/CordelFCRB/47544>. Acesso em: 10 mai. 2022.

Fiorin, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. Contexto, 2001.

TAVARES JÚNIOR, Luiz. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.